

Língua inglesa: tempo de colheita

MUNIRA H. MUTRAN

Rua Maria Antônia, fim da década de cinqüenta. O vestibular para Inglês incluía, além dos exames escritos, uma prova oral para todas as disciplinas. A de Latim, por exemplo. Reunidos em uma sala, os candidatos dispunham de algum tempo para ler e tentar traduzir o texto sorteado; em seguida, eram chamados. Surpresa, percebi que aquele trecho de Cícero que tinha em mãos havia sido esmiuçado e trabalhado exaustivamente nas aulas do professor Pina no Clássico do Colégio Roosevelt da Gabriel dos Santos; com segurança fui respondendo às perguntas de D. Aída Costa e traduzindo. Já me sentia na USP.

O curso de Inglês, com apenas três professores — Kenneth Buthlay, Kera Stevens e João Fonseca —, apresentava forte tendência para a literatura, desde o início. Os alunos já entravam na universidade com bom conhecimento de língua, reforçado depois pela leitura e discussão de textos literários. Além disso, a conversação ficava por conta dos coquetéis de sexta-feira na Cultura Inglesa, organizados para que os alunos pudessem conhecer *native speakers* (geralmente sócios do Clube Inglês ou pessoas trabalhando em firmas inglesas no Brasil). Naquele tempo era tudo em pequena escala: o corpo docente, o número de alunos, a biblioteca composta de doações, a salinha do 4º andar, onde a *máquina de escrever, uma Royal, modelo Quiet de Luxe, nº 2.380.076*, e uma *estante de aço modelo Securit medindo 2,40 m de altura, 2,76 de largura, dividida em três seções* adquiridas em 1952, eram peças importantes. Contrastando com tais recursos, as exigências de qualidade eram amplas. No Anuário de 1937-1938 um professor de História comenta que "é indispensável que se exija no futuro que o aluno que pretenda especializar-se na história da civilização americana conheça todas as línguas do continente"; acrescenta, com certa justeza, que "o francês e o espanhol não oferecem obstáculos ao aluno brasileiro, mas em geral são poucos os que têm conhecimentos suficientes de Inglês" (1).

O curso de Letras Anglo-Germânicas começou a funcionar na FFCL em 1940 com sete alunos inscritos; em 1941 o número dobrou para 14, em 1942 subiu para 55, mas caiu para 28, 9 e 15 nos anos

seguintes. Apresentava os mesmos objetivos apontados pelos demais cursos iniciados em 1934:

- preparar trabalhadores intelectuais para o exercício de altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica;
- preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior;
- realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem o objeto de seu ensino.

O currículo de Anglo-Germânicas incluía Língua Latina, Filologia e Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana, Língua e Literatura Alemã, e História Medieval. A última disciplina, oferecida no 1º ano pelo professor Pedro Moacyr Campos, punha em prática a interdisciplinaridade, tão valorizada atualmente, ensinando uma abordagem científica no trabalho de pesquisa sobre a Idade Média na Inglaterra e na Alemanha.

Da fase inicial do curso devemos sempre nos reportar aos *Anuários*, os quais nos informam que para a *Cadeira de Inglês* foi convidado o professor Douglas Redshaw, então diretor da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, que ocupou a cátedra de 1940 até 1942. No período de 1942 a 1947 o professor John Kenneth Swann, também da Cultura Inglesa, o substituiu. Durante sua gestão foi nomeado como 1º assistente Hygino Aliandro. Em 1948 foi indicado pelo Conselho Britânico, o professor Geoffrey Wile; ao fim de seu contrato, o assistente regeu interinamente a Cadeira até a chegada do professor John Francis Tuohy em 1950, que por sua vez foi substituído pelo professor Kenneth Buthlay em 1955.

Com a abertura das classes noturnas aumentaram as atividades do Curso; foram contratados os professores João Fonseca, que se dedicou à docência e à composição de livros para o ensino de Inglês no 1º grau, e Onédia Célia de Oliveira Barbosa, que iria desenvolver e consolidar o estudo de Literatura Comparada com sua pesquisa sobre Byron no Brasil, e a de seus mestrandos e doutorandos, sobre a recepção de autores de língua inglesa, como Whitman e Wilde.

Com a partida do professor Kenneth Buthlay em 1964 encerra-se uma fase: o vínculo estreito com o Conselho Britânico, que havia desempenhado papel muito significativo nas décadas de quarenta e cinquenta, dá lugar ao intercâmbio de idéias e experiências entre os professores visitantes e os docentes brasileiros, em convênios informais ou formais. Aos poucos o curso estabelece relações culturais com os Esta-

dos Unidos, principalmente nas décadas de sessenta e setenta, através da Comissão Fulbright e, mais tarde, com a Irlanda e o Canadá.

Nas décadas de estruturação e desenvolvimento em nível de pós-graduação, alguns docentes destacaram-se ao iniciar linhas de pesquisa e ao orientar dissertações e teses, tanto de jovens docentes do próprio curso quanto de pesquisadores de outras instituições estaduais e federais.

Na área de Língua Inglesa, já em 1965, os programas de graduação recebem uma abordagem lingüística pela professora Martha Steinberg. As teorias de Pike e Nida discutidas em seus cursos de pós-graduação serviram de embasamento para novos caminhos de pesquisa que na verdade podem ser resumidas em um só: a análise contrastiva entre o português e o inglês. Tendo percorrido esse universo lingüístico verbal passou-se à pesquisa do não-verbal, resultando teses e dissertações importantes.

Da linha de análise contrastiva surgiu bom material para os cursos de Tradução, que funcionaram como *modalidade da graduação*, especialização e, a partir de 1993, como de pós-graduação *lato-sensu*. Dentro dessa área existem vários projetos de Teoria da Tradução Literária, já concluídos ou em andamento, com tradução de autores americanos, canadenses e irlandeses, e ainda com a versão da poesia brasileira para o inglês.

Outra linha da área de Língua Inglesa, a de *Convencionalidade e Idiomaticidade*, que já formou um mestre e possui oito pós-graduandos com diferentes interesses de pesquisa, ocupa-se atualmente do projeto de um dicionário bilingüe de coligações verbais.

Recentemente os programas de Língua Inglesa foram enriquecidos com a contratação de docentes com formação em outras instituições superiores, cuja abordagem e contribuição deram novos contornos ao curso nas linhas de Lingüística Aplicada e Análise do Discurso com relação ao processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira em seus diversos aspectos, como o bilingüismo e o ensino da leitura.

Na área de Literaturas de Língua Inglesa o professor Paulo Vizioli, responsável pelo curso desde 1964 até 1986, ministrou cursos e orientou cinco dissertações e sete teses em diferentes linhas de pesquisa. Como crítico, tradutor e ensaísta divulgou a poesia, o teatro e a ficção de escritores ingleses e norte-americanos.

Na mesma área, a professora Kera Stevens, com seu interesse por poetas românticos ingleses — em especial Byron — e obra de Shakes-

peare, orientou seis dissertações e quatro teses, influenciando o ensino da literatura não só na USP mas também no país.

A linha de pesquisa sobre *Literatura do Sul dos Estados Unidos* teve produção acadêmica bastante significativa. A professora Yedda Tavares ministrou vários cursos e orientou dissertações sobre Eugene O'Neill, Tennessee Williams, Faulkner, Eudora Welty, Katherine Anne Porter e Jack Kerouac, e um doutorado sobre Tom Stoppard.

A *Presença da Literatura Irlandesa*, linha iniciada em 1980, já formou três mestres e um doutor. Dedicase atualmente a um projeto integrado envolvendo o docente responsável, cinco doutorandos e quatro mestrandos, professores de diferentes universidades brasileiras. Tal projeto visa a estudar o teatro irlandês e a cena cultural na Irlanda no período de 1890-1930 através de *documentos do eu*, como cartas e autobiografias. Esse núcleo de Literatura Irlandesa fundou a ABEI — *Associação Brasileira de Estudos Irlandeses* — que já publicou sete números de seu *ABEI Newsletter*.

As linhas de pesquisa literária mais recentes como *A ficção norte-americana no século XX*, *Estudo das teorias críticas em língua inglesa em relação ao universo intelectual brasileiro*, *Poesia norte-americana dos séculos XIX e XX*, *O teatro inglês do pós-guerra*, *Tendências do romance inglês do século XVIII*, têm oferecido diversos cursos e contam com grande número de orientandos em diferentes etapas da pesquisa.

Como se vê, as perspectivas são promissoras. Houve ao longo dos anos, aumento do número de docentes (15) e alunos (373 na graduação e 60 na pós-graduação); 35 dissertações e 25 teses defendidas desde 1950; melhora espantosa na infra-estrutura; e grande diversificação nos cursos oferecidos. Os extracurriculares, por exemplo, ou os G.T. (grupos de trabalho) têm propiciado maior aproximação das disciplinas que compõem o Departamento de Letras Modernas. Essa abertura para as outras disciplinas é característica (ou retorno?) de uma nova visão do curso, não como entidade cultural estanque, mas como parte de um todo.

Ao completar 54 anos o Curso de Inglês demonstra bastante vigor. É o tempo da colheita. Como na parábola, algumas sementes podem ter caído nas rochas, ou nos espinhos, ou à beira da estrada; mas as que caíram em solo fértil frutificaram. É significativo que nosso mais recente projeto seja uma publicação que deverá reunir contribuições de alunos e docentes da pós-graduação. Seu título, *Crop* foi inspirado nos seguintes versos do poema *Gathering leaves*, de Robert Frost:

*But a crop is a crop
And who 's to say
When the harvest shall stop?*

Nota

- 1 Esses e todos os outros dados referentes ao histórico do Curso de Inglês encontram-se nos *Anuários* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras consultados graças à colaboração da professora Miriam Moreira Leite, coordenadora do *Projeto Memória da Faculdade de Filosofia*.

Munira H. Muhran é professora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.